



COMUNICADO
TÉCNICO

154

Brasília, DF
Abril, 2020



Os impactos da COVID-19 para a cadeia produtiva da carne bovina brasileira

Guilherme Cunha Malafaia
Paulo Henrique Nogueira Biscola
Fernando Rodrigues Teixeira Dias

Os impactos da COVID-19 para a cadeia produtiva da carne bovina brasileira¹

¹ Guilherme Cunha Malafaia, pesquisador da Embrapa Gado de Corte e coordenador do Centro de Inteligência da Carne Bovina. Paulo Henrique Nogueira Biscola, pesquisador da Embrapa Gado de Corte / Centro de Inteligência da Carne Bovina. Fernando Rodrigues Teixeira Dias, pesquisador da Embrapa Pantanal / Centro de Inteligência da Carne Bovina.

Introdução

Apesar da pandemia do COVID-19 e seus impactos na economia, as exportações do agronegócio brasileiro não foram afetadas negativamente. Ao contrário, as vendas externas do agronegócio em março de 2020 foram de US\$ 9,29 bilhões, 13,3% a mais do que março de 2019, com destaque para a carne bovina, a principal proteína animal exportada pelo Brasil, com vendas externas de US\$ 637,81 milhões em março de 2020.

Entretanto, mesmo com um bom desempenho, as incertezas do ambiente atual vividas pelos agentes econômicos levam a tensões que geram desequilíbrios no mercado, afetando a conduta e o desempenho das empresas e demandando ajustes em toda a cadeia produtiva. As consequências vão sendo conhecidas no dia a dia, à medida em que a crise vai evoluindo. Buscando contribuir para o debate sobre os impactos da pandemia do COVID-19 na cadeia produtiva da carne bovina brasileira, este estudo apresenta um resumo dos acontecimentos, no período de 16

de março a 16 de abril de 2020, daquilo que é ou pode vir a ser vetor de alteração no *modus operandi* e impactar o desempenho da produção, distribuição e consumo da mencionada cadeia produtiva. Para a captura e análise dos dados e notícias necessárias ao estudo, utilizou-se ferramentas de *Business Intelligence* apropriadas para este tipo de trabalho e entrevistas estruturadas com especialistas do setor.

Consumo

Dentre os vários fatores que afetam a demanda por carne bovina, os mais importantes são os de ordem econômica, tais como a renda da população, o preço da carne e o preço de proteínas concorrentes. Hoje há no Brasil uma elevação no número de desempregados e uma diminuição da renda dos trabalhadores. Num cenário pessimista, a pandemia do COVID-19 deixará 12,6 milhões de pessoas desempregadas no país, elevando a taxa atual de 11,6% para 23,8%. Como a carne bovina é elástica à renda, era de se esperar uma redução do consumo interno. Se

o consumidor não tem renda, ele passa a selecionar o que consome e aumentar a demanda por proteína de menor valor agregado, como carne de frango e ovos. Além disso, o isolamento social leva ao fechamento de restaurantes, bares e hotéis, grandes compradores e importantes canais de distribuição de carne bovina, e o consumo passa a depender mais substancialmente do cliente doméstico, que busca preço, praticidade e *mix* de opções, atributos estes encontrados na carne de frango. Uma redução substancial do consumo de carne bovina irá impor ajustes necessários nas escalas de abate das indústrias frigoríficas, visto que o consumo doméstico representa cerca de 80% do mercado total de carne bovina. A cada tonelada de carne bovina que deixa de ser consumida, diminui-se o abate de bovinos em números de cabeças, mantendo-se as exportações constantes. Nesse sentido, o mercado externo pode ser um fator determinante no desempenho do setor em 2020. A China, nosso maior comprador, retomou as importações de carne bovina em níveis muito superiores ao mesmo período de 2019. Apesar da pandemia, os chineses aumentaram as importações de carne bovina do Brasil para US\$ 451,45 milhões (+101,%) em relação ao mesmo período de 2019, uma terça parte do valor exportado em carne bovina pelo Brasil, o que é explicado pelo aumento de plantas frigoríficas habilitadas para exportar para a China. Entretanto, a União Europeia, outro comprador importante para o Brasil,

reduziu as compras da proteína, já afetados pelo recuo na demanda explicadas pelo isolamento, tendência que deve permanecer nos próximos meses dada a incerteza sobre a duração da pandemia.

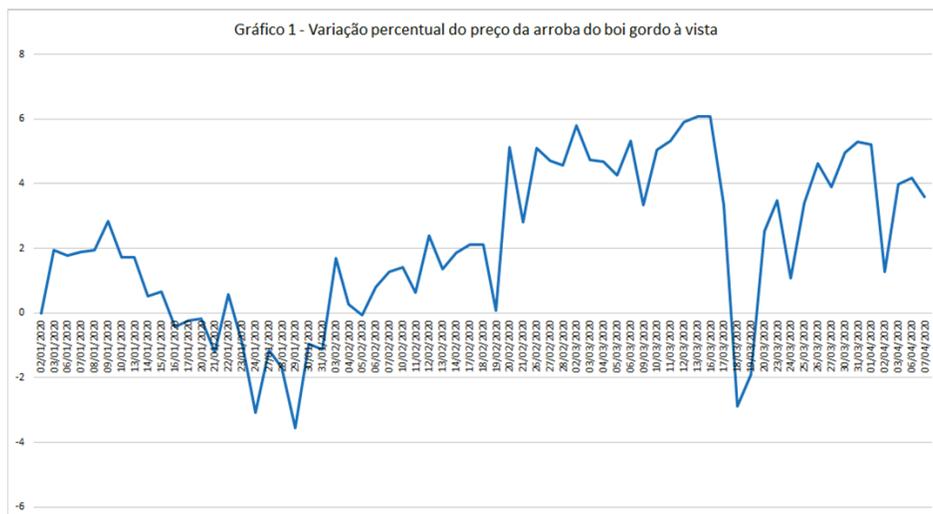
Distribuição

As restrições impostas pela pandemia têm dificultado a chegada de alguns produtos aos mercados. No Brasil, o transporte de carne bovina é realizado, principalmente, por rodovias e, em seguida, exportado, predominantemente, por via marítima aos compradores. Atualmente, formou-se um gargalo logístico nos principais portos mundiais, pois muitos navios ainda esperam a liberação para descarregar seus containers. Em muitas províncias da China as cargas ficaram estagnadas devido a restrições logísticas impostas pelo governo chinês para controlar a pandemia do COVID-19, o que gerou um déficit de contêineres no mercado e causou uma pressão no setor logístico do Brasil, com uma procura maior por contêineres refrigerados, encarecendo o frete dos compradores. Por outro lado, no mercado interno, já ocorre a transferência de estoque de restaurantes e atacados para os domicílios, via canais de distribuição que incluem mercados de pequeno e médio porte, supermercados e hipermercados, o que vai exigir um rearranjo das cadeias de suprimento. Provavelmente, haverá canais de distribuição demandando maiores volumes do que antes da pandemia.

Como consequência, esses canais precisam aperfeiçoar suas formas de interagir com o consumidor, com o uso de mercados on-line. Sendo assim, percebe-se que a eficiência logística vai determinar quem ganha e quem perde espaço no mercado externo e interno. A cadeia produtiva de proteína animal mais eficiente em evitar o desabastecimento é quem irá obter ganhos significativos no momento atual.

Quanto aos frigoríficos, diante das incertezas e das mudanças rápidas e acentuadas do consumo, as empresas estão se adaptando, adequando seus portfólios de produtos à nova realidade. Alavancar a venda de enlatados para a União Europeia, bem como o desenvolvimento de linhas de hambúrgueres para *food service* são iniciativas visíveis. Espera-se que as maiores indústrias do setor de carne no Brasil,

principalmente, aquelas habilitadas a exportar para países asiáticos, normalizem, no curto prazo, as suas escalas de abate. O grande problema está centrado naquelas indústrias que atendem somente o mercado interno e defrontam-se com a retração de consumo já mencionada anteriormente. Os abates nesse período de pandemia foram reduzidos consideravelmente e essas indústrias, atualmente com baixo nível de estoque, só irão às compras se tiverem uma demanda puxada pelo varejo, e por isso algumas plantas frigoríficas já entraram em férias coletivas no início de abril, situação que levará a uma queda no desempenho operacional dessas empresas. Com dificuldade de escoar a carne, as plantas frigoríficas limitam o fluxo de compras, forçando a queda nos preços, conforme apresentado no gráfico 01.



Fonte: CEPEA - Centro de Pesquisas Econômicas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP.

Produção

Todo o cenário descrito acima reflete no setor mais sensível, a produção pecuária. Muitos produtores estão retendo os animais prontos para abate no pasto à espera de uma melhora no preço da arroba. Entretanto, como já mencionado, os próximos meses serão cheios de incertezas no mercado, coincidindo com uma época tradicionalmente difícil para quem produz, devido às secas no Brasil Central e geadas no Sul, levando a preços mais baixos. Muitos produtores começarão a liquidar os animais terminados nesse período, mesmo com os preços mais baixos, para realizar fluxo de caixa para pagar despesas correntes e reduzir o custo de manutenção de peso desses animais, num período em que a qualidade das forragens diminui em função da diminuição das chuvas.

Aqueles produtores mais tecnificados, que produzem animais com maior precocidade, tipo exportação, podem sentir menos o impacto da pandemia, pois as indústrias habilitadas a exportar estão com seus canais de distribuição funcionando adequadamente. Já os produtores que não atendem o padrão exigido pelas cadeias de suprimentos exportadoras irão se defrontar com uma demanda enfraquecida e com uma tendência de preços baixos praticados pelas cadeias de suprimentos que atuam somente no mercado interno.

Reflexões para a Cadeia Produtiva da Carne Bovina diante do cenário atual

Mesmo que a pandemia do coronavírus, no que se refere a crise de saúde, seja estimada de curto prazo, não há perspectivas precisas quanto ao tempo de duração da mesma nas atividades econômicas. Entretanto, torna-se de extrema importância entender os seus desdobramentos. A seguir, elenca-se alguns temas que necessitam de maior atenção e de um debate mais aprofundado por parte dos *stakeholders* envolvidos na cadeia produtiva da carne bovina brasileira.

- Torna-se imperativo entender que esta pandemia colocará no topo do debate global a preocupação com a sanidade animal, onde deve-se crescer as exigências e consistência sobre os sistemas de vigilância e controle de doenças que atingem animais e humanos. Esta pode ser uma grande oportunidade para a cadeia da carne bovina mostrar ao mundo, de forma transparente, como os nossos processos produtivos, tanto no campo como na indústria, são confiáveis;

- A preocupação com a segurança alimentar estará ainda mais fortemente presente na agenda global, já que a recessão e os desajustes nas cadeias de suprimentos podem causar crise de abastecimento, volatilidade de preços e instabilidade social. Deverão crescer as restrições ao comércio internacional de alimentos, especialmente, de proteína animal, através

de controles rígidos de fronteiras e uma provável preferência por produção local e/ou com indicação de procedência.

- É de fundamental importância a criação e fortalecimento dos diálogos entre *stakeholders* em rede no setor de carne bovina. A integração e coordenação da cadeia neste momento é extremamente necessária e estratégica. Talvez seja um momento oportuno para romper a cultura demarcada pela falta de relacionamentos sistêmicos e avançar em modelos colaborativos em rede, já realizado com êxito por países como Austrália, Canadá, China, Estados Unidos, Reino Unido e Uruguai. A Câmara Setorial da Bovinocultura de Corte do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) poderia ser um fórum propício para germinar uma ação nesse sentido.

- No que tange a políticas públicas, é importante pleitear junto a China a negociação de alguns critérios técnicos quanto a exportação, pois o país asiático continuará sendo o nosso maior comprador de carne bovina. Diante disso, a alteração da barreira técnica que impõem idade limite de trinta meses para os animais destinados às exportações viabilizaria a inclusão de muitos sistemas de produção pecuários. Acredita-se, também, ser de extrema relevância a inserção de linha de crédito aos pecuaristas no próximo Plano Safra, não esquecendo, também, da importância de estimular e aperfeiçoar ferramentas de seguro rural para os pecuaristas.

- A onda digital irá impactar toda a cadeia produtiva da carne bovina. A maior transformação será no processo de distribuição,

seja de insumos, gado ou da carne. A relevância da sanidade, qualidade e sustentabilidade crescerá via interação digital com o consumidor final. Entretanto, torna-se de fundamental pertinência melhoras no sistema de conectividade no território brasileiro, especialmente, no campo.

Por fim, este documento não teve qualquer pretensão de ser exaustivo, apenas buscou-se, amparado em métodos científicos, trazer um panorama atual do que vem acontecendo na cadeia produtiva da carne bovina brasileira nesse curto espaço de tempo vivenciados pela pandemia COVID-19 e, apresentar, algumas reflexões que possam vir a qualificar os debates sobre o tema pelos gestores públicos e privados nesse momento delicado que a sociedade atravessa.

Referências

CEPEA. Centro de Pesquisas Econômicas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP. **INDICADOR DO BOI GORDO CEPEA**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2020.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI). **Desempenho das Exportações do Agronegócio Brasileiro**. Brasília. 2020

FGV. Fundação Getúlio Vargas. Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas – Ibre. **Mercado de Trabalho: Sob impacto do COVID-19**. Rio de Janeiro. 2020.



O Centro de Inteligência da Carne Bovina trabalha com dois objetivos primordiais.

Promover a antenagem, captura e análise de sinais e tendências de desdobramentos tecnológicos e do mercado de inovações relevantes à tomada de decisão dos stakeholders envolvidos na cadeia produtiva da carne bovina brasileira.

Produzir, sistematizar e dispor informações e dados de maneira organizada visando a melhor coordenação da cadeia produtiva da carne bovina brasileira promovendo ganhos competitivos para seus stakeholders.

Exemplares desta edição
podem ser adquiridos na:

Embrapa Gado de Corte
Av. Rádio Maia, 830
79106-550, Campo Grande, MS
Fone: (67) 3368-2000
Fax: (67) 3368-2150
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

1ª edição
1ª edição (2020): eletrônica



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Comitê Local de Publicações da Embrapa Gado de Corte

Presidente
Lucimara Chiani

Secretário-Executivo
Rodrigo Carvalho Alva

Membros
*Alexandre Romeiro de Araújo, Davi José
Bungenstab, Fabiane Siqueira, Gilberto
Romeiro de Oliveira Menezes, Marcelo Castro
Pereira, Mariane de Mendonça Vilela, Marta
Pereira da Silva, Mateus Figueiredo Santos,
Vanessa Felipe de Souza*

Supervisão editorial
Rodrigo Carvalho Alva

Revisão de texto
Rodrigo Carvalho Alva

Tratamento das ilustrações
Rodrigo Carvalho Alva

Projeto gráfico da coleção
Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Editoração eletrônica
Rodrigo Carvalho Alva

Foto da capa
XXXXXXXXXX